

T3 Resumo de passagens do livro *O Processo Civilizador* (Norbert Elias)

Ana Paula Rezante de Oliveira, Julia Petroli Catezani, Karen Lissa Birche Rosa, Lais Lourencini Fernandes de Souza, Luanda Ganeo, Monique de Almeida Barros, Raphaela Mariano, Gabriela Alves, Giovana Massarente, Giulia Bonfatti, Isabella Tavares, Jaciendy Santana e Karen Bandeira

Como um modo de expressão de uma formação social específica, o conceito de *civilité* emerge em diferentes países europeus e em diversos idiomas. Trata-se de um traço maior da construção da auto-imagem de uma sociedade em mutação. Ao tratar do conceito de civilidade, Norbert Elias destaca Erasmo de Rotterdam, autor do livro *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), que trata do comportamento das pessoas em sociedade, delimitando, com grande cuidado, toda a faixa de conduta humana, considerando as principais situações de convívio social. Este livro é dirigido a crianças nobres, mas suas repercussões pouco a pouco se dispersaram por toda sociedade.

Em seu tratado, Erasmo aborda atitudes perdidas pelos indivíduos contemporâneos, consideradas hoje como “bárbaras” ou “incivilizadas”. O texto permite pensar nas mudanças relacionadas à postura, gestos, formas de vestuário e expressões faciais em direção ao homem “civilizado”. Essa obra de Erasmo de Rotterdam teve grande circulação, impulsionando significado à palavra *civilitas*, expressando uma necessidade da época. O livro constitui um importante marco para expressar uma mudança social.

De acordo com Norbert Elias, ainda hoje existem muitas sociedades vistas como “não civilizadas”, “bárbaras” ou “incivilizadas”. No entanto, o conceito de “civilizado” e “incivil” não são opostos, mas representam fases de um desenvolvimento contínuo. O próprio desconforto e estranheza que sentimos ao ver as recomendações de Erasmo para a sua época demonstra como a sociedade se move de um padrão para outro em um processo no qual aquilo que era trivial pode causar mal estar diante de um novo padrão.

Quanto à agressividade, Elias considera a estrutura emocional do homem como um todo e não há dúvida que sua forma socialmente impressa é de importância decisiva. A agressividade é um dos impulsos que é condicionado como outros através de normas sociais implícitas e explícitas. A agressividade passou por transformações históricas ligadas às mudanças de estrutura e controle emocional.

Tomando inicialmente como exemplo os guerreiros da época medieval, é possível perceber que a guerra, a caça, o saque, o assassinato eram comuns. Havia prazer na derrota do inimigo, na morte e na mutilação de prisioneiros. Estas manifestações de agressividade não eram repreendidas, não havia poder punitivo. Assim, a crueldade não excluía as pessoas do convívio social.

Naquele contexto, o medo era frequente e a vida instável, levando os indivíduos a um estado permanente de alerta. Os guerreiros da Idade Média viviam e se preparavam para a guerra, desde cedo até a morte.

Uma característica curiosa se refere à oscilação de humor: as pessoas podiam rir juntas e, logo em seguida, travarem um combate em razão de uma pequena desavença. De fato, o comportamento adulto desta época não era muito diferente daquele infantil, com explosões de alegria e de ódio, em período no qual as emoções eram liberadas mais livremente.

Na vida cotidiana da sociedade civilizada, as emoções são muito mais controladas. Em jogos esportivos, por exemplo, a agressão e a luta são socialmente permitidas, sob condição de respeito às regras estritas do combate. Desta forma, estas disputas são muito diferentes do que ocorria na Antiguidade ou na Idade Média, quando as regras de proteção aos gladiadores ou cavaleiros medievais,

por exemplo, eram mínimas ou mesmo inexistentes. A propósito, segundo Norbert Elias, o esporte só é considerado como tal na medida em que existam regras que o tornem previsível e seguro, no máximo possível.

Por outro lado, o estudo do processo civilizador questiona a relação entre a formação do Estado, com a centralização do poder e a monopolização do sistema fiscal e do uso legítimo da força, e a "civilização". O processo civilizador gera uma mudança na conduta e nos sentimentos humanos de forma a favorecer a racionalização da vida em sociedade. A civilização não é o produto de um projeto bem calculado, mas sim o fruto de um processo que ocorre sem planejamento algum, porém apresentando um tipo específico de ordem. Neste processo, cresce o autocontrole no domínio dos comportamentos, as condutas humanas passando a ser mais previsíveis e disciplinadas.

Norbert Elias explica que planos e ações isoladas, movidas pelos impulsos emocionais ou até racionais, produzem laços de interdependência cada vez mais intensos, dando origem a uma ordem mais forte do que os indivíduos possam imaginar. A ordem resultante constitui a civilização ocidental, implicando em maior interligação e dependência mútua entre as pessoas.

Norbert Elias analisa os conflitos entre senhores feudais, cuja competição resultou na centralização do poder sobre um território cada vez mais vasto, o que levou ao monopólio fiscal e do uso da violência legítima no Estado, para explicar as mudanças em termos dos relacionamentos humanos. O maior entrelaçamento entre indivíduos leva a sincronização de condutas. Trata-se de uma multiplicação de funções sociais com redes mais densas e longas de relacionamentos, conduzindo os indivíduos ao desenvolvimento de um grande autocontrole de suas emoções.

Com efeito, as funções sociais desempenhadas por cada indivíduo tornam-se cada vez mais diferenciadas com o passar do tempo. Dessa forma, na medida em que a quantidade de funções sociais cresce, aumenta a interdependência entre os indivíduos. Com o tempo, o autocontrole, que permite aos indivíduos desenvolver comportamentos previsíveis e compatíveis com a organização social complexa, passa a ser algo visto como natural, intrínseco ao dia-a-dia das pessoas. O mecanismo de interiorização de regras sociais evita a transgressão de comportamentos que não sejam "socialmente aceitáveis".

Em sociedade sem um monopólio do uso da força, a dependência entre as pessoas é pequena e a violência é muito frequente. Nas sociedades medievais, moderar sentimentos e paixões não era necessário, havia muito maior liberdade de manifestação das emoções, sem limites ou controle. No entanto, o indivíduo estava ameaçado pela exposição à violência e desejos dos outros, como tortura e humilhação. Havia assim um ambiente de incertezas, vivenciando prazer e dor ao mesmo tempo.

Nas sociedades posteriores, as leis e regras de conduta amenizam essa ameaça física que o indivíduo sofria anteriormente. Consequentemente, há formação de espaços sociais pacificados, onde atos de violência geralmente não são frequentes.

Essas formas de controle de conduta estão profundamente enraizadas nos indivíduos. Desde cedo, a criança internaliza disposições de autocontrole, aprendendo a regular suas condutas de acordo com as normas de convívio aceitas socialmente, de forma amplamente inconsciente. Todavia, tendo suas emoções aprisionadas, o homem se torna muitas vezes incapaz de satisfazer suas paixões, o que pode tornar sua vida menos prazerosa.

ELIAS, Norbert (1994), *O processo civilizador*. Formação do Estado e civilização, volume 2, São Paulo: Jorge Zahar

ELIAS, Norbert (1995), *O processo civilizador. Uma história dos costumes*, volume 1, São Paulo: Jorge Zahar.